

A PRESENÇA DO NEGRO EM NOSSA HISTÓRIA



ISRAEL FOGUEL

**A PRESENÇA DO
NEGRO EM NOSSA
HISTÓRIA**

1ª Edição

**São Paulo
Edição do Autor
2019**

©Copyright by Israel Foguel - 2019
Editor Israel Foguel

Diagramação e capa: Israel Foguel

Capa: Olímpio Lata, pintura a óleo sobre tela, 50x70cm, de Wanderley Martelli

Quarta capa: Desenho do prof. Manuel Pereira de Godoy

Livro registrado de acordo com a lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Dados para catalogação na publicação (CIP)

F655p Foguel, Israel, 1954 –

A Presença do Negro em nossa História,
Israel Foguel - São Paulo: Editora Yolbook, 2019
164 p.; 14,8 x 21 cm. il.

ISBN 978-85-93232-50-3

1.Escavidão.2.Abolição.2.História. I.Título

CDD – 326.8

CDU- 326

Todos os direitos reservados à

Israel Foguel - Pirassununga - SP

E-mail: israel.foguel@gmail.com

Telefone: (19) 9.9745.4131

A Presença do Negro em nossa História

Introdução

No processo da colonização firmou-se no Brasil características com traços culturais diferentes aos dos trazidos pelos europeus, que contribuíram nos aspectos econômicos, sociais e políticos para a formação da identidade brasileira.

Devido as necessidades de exploração econômica da mão-de-obra que os europeus estavam enfrentando, apelaram para a mão-de-obra escrava indígena. Logo se aproveitou da força de trabalho do negro africano, vindos diretamente da África nos navios negreiros para serem vendidos ao Brasil para trabalharem nos serviços pesados. Desta forma, obrigatoriamente tiveram que se submeter a cultura africana.

No entanto o africano, como povo escravizado, precisou lutar intensamente para manter sua identidade cultural, o que significou uma luta diária pela manutenção de seus valores culturais reelaborando esses valores para não deixarem perdidos na sociedade, no qual o africano terá que deparar-se com duas culturas religiosas, o cristianismo, cultuada pelos seus senhores, e o mito religioso africano, que é de sua origem natural, gerando uma série de confronto entre essas duas religiões, que mais tarde será denominada como um povo miscigenado.

O negro começou a ser introduzido no Brasil no final do século XVI pelos Portugueses que colonizavam estas terras, com o intuito de

Israel Foguel

substituir a mão-de-obra indígena pela negra. O negro passou a ser uma figura importante no cenário brasileiro.

Trazido para fortalecer a economia, o negro foi inserido nas diversas áreas de trabalho, como na área agrícola, artesanato e até nos trabalhos domésticos. Assim o negro passou a fazer parte da construção do país e também da família brasileira.

Falar sobre a contribuição do negro para a formação da sociedade brasileira é falar daqueles que plantaram, construíram casarões, igrejas, fortes e cidades inteiras num mundo feito para brancos que os viam apenas como objetos, ferramentas sem nome, sem memória, sem história e sem mérito algum pelo que realizaram na construção do país e da sociedade, que cada vez, mas se influenciava pela cultura, religião e até mesmo pela mesclagem do negro com branco.

Como falar desta contribuição do negro na formação da sociedade brasileira? Sabemos que este não era visto como gente e por não ser gente não existia. Como tal não tinha identidade nem história.

Para o homem branco só existia uma história, a sua, como colonizador. O negro não tinha alma, muito menos mérito de alguma coisa. O negro que outrora na África era príncipe ou rei de uma grande tribo, agora tinha seu nome, sua crença, sua dignidade e sua história apagada pelo europeu que o levou ao cativeiro.

Por compreendermos a necessidade de conhecermos o papel do negro na formação da sociedade, visto que sua influência é inegável na cultura, na religião e na miscigenação racial apresentada hoje no Brasil.

A Presença do Negro em nossa História

Desta forma compreenderemos melhor esta importante contribuição do negro no processo de formação da sociedade Brasileira, deixando marcada a sua participação na formação da identidade da nação com herança Africana trazida para o Brasil, construindo um país diversificado racial e culturalmente. O que vemos hoje é reflexo de uma miscigenação em que o negro teve grande participação.

Dados iniciais

O negro foi vendido como mercadoria no Brasil do século XV ao XIX, para fortalecimento da mão- de- obra, e como tal era indispensável.

O negro não veio de um continente desorganizado, sem cultura, sem tradição e sem passado.

Mas para o europeu colonizador da África era diferente. Para este o negro africano era um ser inferior e que só servia para servir, um objeto, uma coisa, ignorando sua história e sua personalidade.

A África tinha verdadeiros impérios organizados, com tribos e autoridades inquestionáveis. Lá se encontravam confederações tribais e cidades-pousadas com seus ricos mercados no caminho do ouro, das especiarias e do marfim. Seus mercados eram ricos em variedades de coisas como o sal e até escravos, em toda África se encontrava um povo guerreiro, pescador, caçador, pastor, comerciante e agricultor, o que nos faz ver que o europeu tentou apagar a história da África como se não existisse até sua chegada.

A religião na África é diversificada, assim como os idiomas e etnias. Para eles a religião é uma forma de organização social e são

Israel Foguel

variantes do animismo, e ela mantém enquadrada o negro na sua vida cotidiana.

Com a chegada do europeu e a partilha da África ouve o desmoronamento de reinos, grupos tribais e etnias, que tiveram grande influência do mesmo, transformando a sua vida política e religiosa. As marcas da colonização foram profundas implantando a sua religião, seu idioma e sua política, desconstruindo tradições e costumes milenares.

A viagem do negro em direção ao Brasil tem poucos relatos, mas com certeza não é das melhores.

Os documentos só informam a duração da viagem e ignoram o tempo de sofrimento passado pelo capturado entre a captura e o desembarque na América.

Sabemos que o negro desde o momento de sua captura na África até a sua venda como mercadoria passava por sofrimentos terríveis, muitos até morreram na viagem, pois nos navios negreiros eram amontoados como objetos, coisas, sem conforto ou higiene.

Navios como o Emilia, que em 1821 trouxe a Bahia um enorme carregamento de escravos, sempre aportavam no Brasil trazendo negros que em seu lugar de origem eram príncipes e reis e que, durante a viagem, eram separados de sua tribo e família e transportados em condições sub-humanas, onde só os mais resistentes sobreviviam. Os doentes e menos resistentes ficavam sem alimentos ou eram jogados no mar para que não dessem trabalho.

Os estados guerreiros, caçadores e fornecedores de escravos, não conheciam a exploração de mão-de-obra servil tal como era do outro lado do Atlântico.

A Presença do Negro em nossa História

No Brasil o negro servia para um sistema agrícola em primeiro lugar depois para a mineração de minérios e pedras preciosas e, por último, para os serviços urbanos.

O sistema escravagista teve inúmeras modalidades de escravidão. Existiam várias espécies de escravos no Brasil, e escravos de diversas condições sociais, matérias e afetivas.

O tráfico negreiro tornou-se um grande negócio, algo extremamente lucrativo, o que fazia com que os comerciantes portugueses não parassem seus navios para os devidos reparos, e tornou-se comum navios com problemas de calafeto, mastros desgastados e outros indispensáveis e que não eram reparados por profissionais, mas apenas por alguns negros que as vezes o faziam.

Tudo em nome do lucro a qualquer custo.

Os navios brasileiros eram bem equipados para o "resgate", mas os comerciantes da Bahia em busca de bons lucros negociavam elementos necessários a viagem como a diminuição do número de pipas de água para ter mais espaço nos navios.

Os negros viajavam empilhados sem espaço até mesmo para suas necessidades naturais. Se dormissem, caíam um sobre os outros.

Os negreiros brasileiros eram menores do que os holandeses e carregavam mais negros, enquanto um holandês transportava 300 negros em uma caravela, um brasileiro transportava 500.

Nessas condições, a taxa de mortalidade era elevada chegando a 57% o número de mortos em uma viagem.

Quando a "mercadoria" chegava ao Brasil passava pela "engorda" para melhorar a aparência da mercadoria que iria para a exposição. Com a vigem era comum que os negros chegassem

Israel Foguel

magros, debilitados e com péssima aparência. Para facilitar a venda da mercadoria era importante melhorar seu aspecto.

Existiam duas formas de venda desses negros: uma era venda privada e a outra eram os leilões públicos.

Os leilões que geralmente aconteciam nos portos, eram feitos com escravos recém-chegados, quinze dias após o desembarque. Começava-se com os mais difíceis de venda e depois os mais bonitos do lote.

Em 1612 um escravo custava em média 28 mil reis. Um escravo para os escravocratas era um bom negócio ou investimento. No leilão o escravo tinha o preço estabelecido pelo lance mais alto o que caracterizava esta modalidade.

O que é Escravidão?

A escravidão pode ser definida como o sistema de trabalho no qual o indivíduo (o escravo) é propriedade de outro, podendo ser vendido, doado, emprestado, alugado, hipotecado, confiscado. Legalmente, o escravo não tem direitos: não pode possuir ou doar bens e nem iniciar processos judiciais, mas pode ser castigado e punido.

Não existem registros precisos dos primeiros escravos negros que chegaram ao Brasil. A tese mais aceita é a de que em 1538, Jorge Lopes Bixorda, arrendatário de pau-brasil, teria traficado para a Bahia os primeiros escravos africanos.

Eles eram capturados nas terras onde viviam na África e trazidos à força para a América, em grandes navios, em condições miseráveis e desumanas. Muitos morriam durante a viagem através do oceano Atlântico, vítimas de doenças, de maus tratos e da fome.

A Presença do Negro em nossa História

Os escravos que sobreviviam à travessia, ao chegar ao Brasil, eram logo separados do seu grupo linguístico e cultural africano e misturados com outros de tribos diversas para que não pudessem se comunicar. Seu papel de agora em diante seria servir de mão-de-obra para seus senhores, fazendo tudo o que lhes ordenassem, sob pena de castigos violentos. Além de terem sido trazidos de sua terra natal, de não terem nenhum direito, os escravos tinham que conviver com a violência e a humilhação em seu dia-a-dia.

A minoria branca, a classe dominante socialmente, justificava essa condição através de ideias religiosas e racistas que afirmavam a sua superioridade e os seus privilégios. As diferenças étnicas funcionavam como barreiras sociais.

O escravo tornou-se a mão-de-obra fundamental nas plantações de cana-de-açúcar, de tabaco e de algodão, nos engenhos, e mais tarde, nas vilas e cidades, nas minas e nas fazendas de gado.

Além de mão-de-obra, o escravo representava riqueza: era uma mercadoria, que, em caso de necessidade, podia ser vendida, alugada, doada e leiloada. O escravo era visto na sociedade colonial também como símbolo do poder e do prestígio dos senhores, cuja importância social era avalizada pelo número de escravos que possuíam.

A escravidão negra foi implantada durante o século XVII e se intensificou entre os anos de 1700 e 1822, sobretudo pelo grande crescimento do tráfico negreiro. O comércio de escravos entre a África e o Brasil tornou-se um negócio muito lucrativo. O apogeu do afluxo de escravos negros pode ser situado entre 1701 e 1810, quando 1.891.400 africanos foram desembarcados nos portos coloniais.

Israel Foguel

Nem mesmo com a independência política do Brasil, em 1822, e com a adoção das ideias liberais pelas classes dominantes o tráfico de escravos e a escravidão foram abalados. Neste momento, os senhores só pensavam em se libertar do domínio português que os impedia de expandir livremente seus negócios. Ainda era interessante para eles preservar as estruturas sociais, políticas e econômicas vigentes.

Ainda foram necessárias algumas décadas para que fossem tomadas medidas para reverter a situação dos escravos. Aliás, este será o assunto do próximo item. Por ora, vale lembrar que não eram todos os escravos que se submetiam passivamente à condição que lhe foi imposta. As fugas, as resistências e as revoltas sempre estiveram presentes durante o longo período da escravidão. Existiram centenas de “quilombos” dos mais variados tipos, tamanhos e durações. Os “quilombos” eram criados por escravos negros fugidos que procuraram reconstruir neles as tradicionais formas de associação política, social, cultural e de parentesco existentes na África.

O “quilombo” mais famoso pela sua duração e resistência, foi o de Palmares, estabelecido no interior do atual estado de Alagoas, na Serra da Barriga, sítio arqueológico tombado recentemente. Este “quilombo” se organizou em diferentes aldeias interligadas, sendo constituído por vários milhares de habitantes e possuindo forte organização político-militar.

Como era tratado o escravo

Antes de romper o sol, os negros eram despertados através das badaladas de um sino e formados em fila no terreiro para serem

A Presença do Negro em nossa História

contados pelo feitor e seus ajudantes, que após a contagem rezavam uma oração que era repetida por todos os negros.

Após ingerirem um gole de cachaça e uma xícara de café como alimentação da manhã, os negros eram encaminhados pelo feitor para os penosos labor nas roças, e as oito horas da manhã o almoço era trazido por um dos camaradas do sítio em um grande balaio que continha a panela de feijão que era cozido com gordura e misturado com farinha de mandioca, o angu esparramado em largas folhas de bananeiras, abóbora moranga, couve rasgada e raramente um pedaço de carne de porco fresca ou salgada que era colocada no chão, onde os negros acocoravam-se para encher as suas cuias e iam comer em silêncio, após se saciarem os negros cortavam o fumo de rolo e preparavam sem pressa os seus cigarros feitos com palha de milho, e após o descanso de meia hora os negros continuavam a labuta até às duas horas quando vinha o jantar, e ao pôr do sol eram conduzidos de volta à fazenda onde todos eram passados em revista pelo feitor e recebiam um prato de canjica adoçada com rapadura como ceia e eram recolhidos à senzala.

E em suas jornadas diárias, os negros também sofriam os mais variados tipos de castigo. Nas cidades o principal castigo era os açoites que eram feitos publicamente nos pelourinhos que constituíam-se em colunas de pedras erguidas em praças pública e que continha na parte superior algumas pontas recurvadas de ferro onde se prendiam os infelizes escravos.

E cujas condenação à pena dos açoites eram anunciados pelos rufos dos tambores para uma grande multidão que se reunia para assistir ao látigo do carrasco abater-se sobre o corpo do negro escravo condenado para delírio da multidão excitada que aplaudia,

Israel Foguel

enquanto o chicote abria estrias de sangue no dorso nu do negro escravo que ficava à execração pública.



E um outro método de punição dado aos negros foi o castigo dos bolos que consistia em dar pancada com a palmatória nas palmas das mãos estendidas dos negros, e que provocavam violentas equimoses e ferimentos no epitélio delicado das mãos.

A Presença do Negro em nossa História

Em algumas fazendas e engenhos, as crueldades dos senhores de engenho e feitores atingiram a extremas e incríveis métodos de castigos ao empregarem no negro o anavalhamento do corpo seguido de salmoura, marcas de ferro em brasa, mutilações, estupro de negras escravas, castração, fraturas dos dentes a marteladas e uma longa e infinita teoria de sadismo requintado. No sul do Brasil, os senhores de engenhos costumavam mandar atar os punhos dos escravos e os penduravam em uma trave horizontal com a cabeça para baixo, e sobre os corpos inteiramente nus, eles untavam de mel ou salmoura para que os negros fossem picados por insetos.

E através de uma série de instrumentos de suplícios que desafiava a imaginação das consciências mais duras para a contenção do negro escravo que houvesse cometido qualquer falha, e no tronco que era um grande pedaço de madeira retangular aberta em duas metades com buracos maiores para a cabeça e menores para os pés e as mãos dos escravos, e para colocar-se o negro no tronco abriam-se as suas duas metades e se colocavam nos buracos o pescoço, os tornozelos ou os pulsos do escravo e se fechava as extremidades com um grande cadeado, o vira mundo era um instrumento de ferro de tamanho menor que o tronco, porém com o mesmo mecanismo e as mesmas finalidades de prender os pés e as mãos dos escravos, o cepo era um instrumento que consistia num grosso tronco de madeira que o escravo carregava à cabeça, preso por uma longa corrente a uma argola que trazia ao tornozelo.

O libanto era um instrumento que prendia o pescoço do escravo numa argola de ferro de onde saía uma haste longa.

Israel Foguel

Que poderia terminar com um chocalho em sua extremidade e que servia para dar o sinal quando o negro quando o negro andava, ou com as pontas retorcidas com a finalidade de prender-se aos galhos das árvores para dificultar a fuga do negro pelas matas, as gargalheiras eram colocadas no pescoço dos escravos e dela partiam uma corrente que prendiam os membros do negro ao corpo ou serviam para atrelar os escravos uns aos outros quando transportados dos mercados de escravos para as fazendas, e através das algemas, machos e peias os negros eram presos pelas mãos aos tornozelos o que impedia do escravo de correr ou andar depressa, com isto dificultava a fuga dos negros, e para os que furtavam e comiam cana ou rapadura escondido era utilizado a máscara, que era feita de folhas de flandes e tomava todo o rosto e possuía alguns orifícios para a respiração do negro, com isto o escravo não podia comer nem beber sem a permissão do feitor, os anjinhos eram um instrumento de suplicio que se prendiam os dedos polegares da vítima em dois anéis que eram comprimidos gradualmente para se obter à força a confissão do escravo incriminado por uma falta grave.

